

SAFARI

teatro

de José Carlos/Arão Collares
com base em ARCA
de Graciliano Ramos,

426

CDU 1

1918, este entre livros. Horizontalmente circular.

Baixa sacramento, ruínas do arário.

CDU 2

lado.

(Um sobre o homem sentado numa cadeira. Um aparelhado, larva. Si-
garros, cachapa. Ele move-se numa lentidão evaporante. Não, fa-
na.)

- Lanchonete de um fato,

de outro fato anterior ao posterior ao primeiro.

mas os dois são juntos.

E os tipos que vivem não têm relêvo, tudo aguçado.

E os processos?

Os organismos?

O diretor, o secretário?

Tipos bonitos.

Flora e dia inteiro fumando e praguejando. Interpostos.

Quando viram uma estranha, encalça-se.

Superfícies, políticos, diretores, secretários,

tudo se move na mesma cabega

(as figuras vão sumindo, girando em torno do homem na cadeira)

como um bando de vermes se alia de uma coisa amarela, gorda e mole,

numa lentidão viscosa,

misturando-se,

formando um nevoa confuso.

CENA 3

RAIRIA - (Atravesando a cena) Eu vou dar a fora. Fomos maluco. Qualquer dia a gente sente o peso da realidade. Os velhos desentrem tudo e é um fuso dos diabo.

RAIRIA - Uma palavra ao filho, Raimundo, como falar ao um filho - Raimundo, Raimundo, Raimundo, Raimundo, Raimundo.

RAIRIA - (Correndo) Mãe da fêmea?

RAIRIA - Fêmea?

RAIRIA - Fêmeas é que eu fiz?

RAIRIA - Pá.

RAIRIA - Sei meu senhor mardo dizer que amarrasse um cabalo de mola no pescoço da cabra Raimundo. (Uma correção)

RAIRIA - (Dizendo) Não é que ela seja burra demais. As mulheres é que são preguiçosas. É o jeito viver no tico. Focada chifre! (Sei)

RAIRIA - Não a porta, não! Não a porta, não!

RAIRIA - (Passando, cruzando a cena) O jantar está na mesa. As moças estão comendo. E o meu leão? Leão? Carrapato?

CENA 4

LEÃO - Esta repetição me desesperava e entediava. O corpo em completo sono, o cigarro apagado. Não sabia as que posições estavam as pernas. As mãos passavam as mãos do peito. Mas as pernas, onde estavam elas? Flutuava como um balão. O corpo quase desconhecido e sem pernas. As idéias, porém não se deixavam, idéias truncadas. Uma guerra na Europa. O. Herodes comprava discos novos para a vitrola. Moisés se ocultava, com uma mão na piléa. Um espírito puro, um espírito latando, livre da matéria. As botinas de latim com estavam cada vez mais custosas. Onde estaria seu Ivo? Um espírito latando. Como seria? O espírito de Deus era latando sobre as águas.

HERCULES - Trabalho na. Trabalho na. Trabalho na. Trabalho na. E até as fétidas das pessoas e das lugares perfum a cidade.

0100 - Mas tarde, já entrei.

0101 - Ah podia ser um maloqueiro.

0102 - Maloqueiro, não? (Brançúlio) Bem apenas a filha do Mortuário, perseguido pela universidade e apelo para a generalidade de vocês.

0103 - Não entei seu tal não, não, não, não, não.

0104 - Foi no jornal?

0105 - Foi, lá os telegramas. Bem notícias sem importância, mas julgou parecer pelas graves situações de desconexão social.

0106 - Estive na cidade. Fiquei de pé, sem ver a tela. Bem, pronto atenção às coisas, não sei para que diabo quero saber.

0107 - Eu fiquei pensando no quarto, supondo as pontas de cima de um livro, como meu vanguarda e como meu hábito. Então, para que o parta? Então, tarde, e o que foi foi mantendo papel impresso.

0108 - É o que lhe digo. Gosto de repartição habitua-se a não ver nada fora dos processos. Tive lendo, como um dogma.

0109 - Que não para o diabo. Eu fico no meu banheiro. (Eu) Eu, certo, fumando e não pensando em nada. Ou pensando em muitas coisas.

0110 - (Eu) É no banheiro que são as grandes revoluções.

0111 - As maiores da minha vida! Foi um livro, um romance! Os jornais gritam atônitos, outros defendendo.

0112 - [Risos] Bem parábola, a senhor escreveu um obra conciliante. Que obra! Está aqui a opinião dos críticos.

0113 - (Risos)

0114 - As coisas de fora.

Estando de minuto a minuto.

Branco, vermelho, branco, vermelho, branco...

Por que não aparece uma terceira cor?

Branco, vermelho, branco...

É impossível!

Mas o fora é ali.

At. 1

- 19A - Por que é que você não manda fazer um smoking? Os rapas que trabalham na imprensa andam com essas roupas mal-arranhadas? Eu sei fazer você, brilhante, andava no trinquê.
- 2 - Sem só de smoking vive a honra.
- 19A - 2. Mercedes estava hoje tão linda. Vestido cor de cinza, com vivos encarnados, luras cor de cinza, bolos encarnados, chapéu enegredo e sapatos encarnados. Você gosta de encarnado?
- 2 - 2. Mercedes? Uma bicha feia e velha.
- 19A - Parece uma artista de cinema.
- 2 - De core, um castão?
- 19A - (Desista) Ah. (Transição) Que livro é esse que você está lendo?
- 2 - (Silêncio)
- 19A - Eu também estou lendo um livro interessante, da Biblioteca das Noças. É uma história muito penosa.
- 2 - (Com dóio) Passa bem. Ah, não. Eu, eu não sou um idiota sem fundamento homem lido e covado, teria certeza valagões esta primavera.
- 19A - Eu vou dar a for. Parece maluco. Qualquer dia o gosto mais o tal do maluco. Os velhos descrevem tudo e é um fardo das crianças? (Sil)
- 2 - Marica! Mar, um, rito, amar. (Inspira) Tendo o cinco anos e eu aqui me inquietando com essa maluca... um caboga.

(Julião Teixeira surge no fundo, discursa no Inst. Histórico)

- 120 - É assim, quando observava as obras do nosso estimado Instituto Histórico, tomei-me a desatar nos laços de nossas antiguidades. Nesta hora trágica em que a nacionalidade está em jogo, lembremo-nos de Grândio. Regressa o nosso olhar a lembranças de nossas terras e céu azul, as praias ingenuidade, o fulgor das espumas. Alguém é.

At. 2

- 121 - Há nas minhas recordações estreitas históricas. Ficaram-se coisas tão significativas. Depois um esquecimento quase completo. As minhas ações surgem baralhadas e amarradas, como as folhas de outra pessoa. Fomos velas com indiferença. Certas atos parecem insupligníveis. Até as falções das pessoas e dos lugares perdidos a nitidez.

CENA 11

- RECHEN** - Na lavoura de lavoura. Morreu com esse pedaço de um relógio rasado. Engrenagens vagabundas, desoladas.
- CHIANG** - Boa de forma. *... ...*
 Para E. *... ...*
 Fimete o que eu fiz?
 Foi meu senhor mandou dizer que amarrasse um cabalo de milão no pampo da cachorra Pequena.
- BOB** - Não é que ela seja barra demais. As escolas é que não gostam. É o jeito viver no chão, mesmo chafre?
- WATTS** - Abre a porta. *... ...* Abre a porta *... ...*
- WATTS** - De vou dar a fora. Porco maluco. Qualquer dia a gente mete o rabo na latadeira e é um fuso dos diabo!

CENA 12

- BOB** - Mas o livro tem estas boas.
- WATTS** - Que sujeito burro, puta que o pariu. Isto é um cavalo.
- BOB** - Algumas coisas são boas.
- WATTS** - Que ideia. Isto é um vendedor.
- BOB** - De o considero um grande espírito. Um outro espírito. Rapão e conhecimento de língua.
- WATTS** - Grande espírito? Outro? Rapão e conhecimento de língua? O filho de uma puta. Se eu tivesse conhecimento e pagu um artigo de elogio à firma dele eu teria escrito o artigo. Pratiquei neste mundo muita cafunfada. É melhor botar a trouxa alado e contar a história direita. Teria escrito o artigo e recebido a diáscara. O que não está certo é ouvi-lo todos os dias afirmando as línguas palha que o Brasil é um mundo, os poetas alagados uma poesia enxada e Malhar e Herrera um talentos notáveis só por que juntaram diáscara. Isso é falta de vergonha!
- BOB** - Tem conhecimento de língua.
- WATTS** - De filho de uma puta.
- BOB** - Não se apoquento, criatura. Não a recordo nenhuma. Tudo por que não pode ir até o quintal viver com a franginha.

CEGA 1.)

FIGUEIRA - Frangulhada escurinha. Cochinçando com um boneco no escuro! Carrapato, papaco! Cabrita escurida. Fervilha descurada! À tochas pintadas, os belpas pintados, biblioteca das tochas. Ancho na Rua da Lama. Dia alguma coisa, leure estúpido!

CEGA 14

LUÍS - Lá sentar-se nos bancos da praça dos Martírios. As lamas da favela molando de minuto a minuto, branco, vermelho, branco, vermelho. Porque não aparecia uma terceira cor? Aquilo era irritante, mas o favela se atreva. Sabia a sinistra de Sta. Cruz, cheia de lama. Entrava nas botegas, botia apurante com os vagabundos, tentava conversar. Mas os vagabundos não tinham confiança em mim. A literatura nos afastou e que sei delas foi visto nos livros. Eu era um funcionário público, parafuso insignificante na máquina do estado. E eles também teriam as suas pequenas almas de parafuso fazendo voltas num lugar só.

CRIANÇAS - "Barracos de M, jogavam casangá..."

LUÍS - As crianças. As crianças dançavam e cantavam na rua molhada.

CRIANÇAS - "...deixa o boteleô ficar..."

LUÍS - As crianças dançavam e cantavam na beira da favela de Magalhães, onde há febre, insubordinação e lixo. As crianças dançavam. Dentro de vinte anos as que gostassem de torcer-se ao mesmo ponto seriam parafusos. Ignorariam tudo o que existisse longe delas, mas conheceriam perfeitamente as coisas por onde passassem as suas roscas. Mas dançavam e cantavam.

CRIANÇAS - "...guerreiros com guerreiro fazem alg-alguma..."

LUÍS - Como dançavam e corriam na escura indolência. E lá estava novamente entrando no passado, torcendo-se, parafuso.

CRIANÇA - Bone de ferro.

Que é.

Ficasse o que eu fiz?

Ei me sentir muito diabo que ficasse no escritório e trouxesse um caso de defunto.

PA 10

ACHADOS - De caso de defunto... Quem tinha coragem? In setimo crime-
rangas gibt es seltsamen Iffchen. Geschichtes nicht bestehen.
Sinn ein beinahe totales vergangen...

PA 11

- 10 - É melhor acabar com a literatura. Não serve,
11 - Que história é essa?
12 - É o que lhe digo. Não serve. A linguagem escrita é uma artefactual
que inventaram para enganar a humanidade, as negociações ou com as
tiras.
13 - Que diabo tem você?
14 - É que não vale a pena, acredite, não vale. Uma pessoa passa a
vida pensando essas bobagens. Tempo perdido. Uma criança mata a
gente no chinelo, qualquer imbecil mata a gente no chinelo.
15 - Vê lá o Julião Soares, o patriota.
16 - Deve estar recitando todo o catálogo de frases monstruosas a res-
peito da bandeira nacional.
17 - Não. Deve estar citando os coqueiros, as praias, o céu azul e as
luas paradisíacas alagadas.
18 - Não. Deve estar considerando que a religião é o sustentáculo² or-
dem e uma necessidade social!
(1985)
19 - Finalmente, o meu desejo era dar um salto, passar uma corria, em
volta do passeio de lousas e apertar com força.
20 - Fala baixo. O diretor chefe de polícia está ali tomando café, de
cabeça baixa, preocupado com alguma ocorrência.
21 - O que é que se podia acontecer? Ir pra cadeia? Não...
22 - Ou ser assassinado pela opinião pública.
23 - Não existe opinião pública. Eleitor de jornais adote uma coleção
de opiniões desconhecidas, maneyra isto, maneyra aquilo e não
sabe para que havia vai. Torre de Babel. Escrevem coisas porque os
coisas criam para escrever assim. Depois escrevem de outra for-
ma. Fazem³ o, enfim. Não há opinião pública, há pedacos de o-
pinão, contraditórias. Ou crime, uma ação má tua, dá tudo no neg-
ro. É a não sabendo o que é bom e o que é ruim, não embolados vi-
vemos.
24 - Eu dá um cigarro.
25 - Vai todo muito mal, minha gente. Vai todo encasquilhado.
26 - Ora, não acabar. Em conversações como esta é que se arromba fundo
subtecho.
27 - Fúria, briga, separou, tiro. Lá vinda o título enorme da notí-
cia, em quatro colunas: "Comunista assassinado num café".
28 - Título péssimo!

VITÓRIA - De sabia! Ela ficou besteira! Gostei muito assimada. Pra mim é que a primeira ficou preta? Tolei-me nessa sem-vera! (Acende as velas do cratório). Ofereço este padre-nosso. Ofereço este padre-nosso e esta ave-maria às almas do purgatório. (Bebe)

1813
(Martina) - Pra que tanta fúria e purgatório? Eu nunca creio. Mas tá com fúria e Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, as guas que se atacam, que atacam a minha fúria vagabunda quando pela casa. Estava resolvido a desertar para uma dessas terras distantes. Abandonar a vila com a troça de debaixo do braço e as livros da escola.

1815
(Martina) - As minhas ações surgem baralhadas e encobertas, como as fúrias de outra pessoa. Tudo se passa em segundos. De repente a minha mente a impressão de que uma objetiva se põe, com instantâneos. Ficarei assim, com a pena erguida, a ponta debaixo do braço. Luís da Silva, a criança da repartição, levando, pensando em defuntos.

1816 - Das ações surgiram fúria e confusão como venho a ser uma outra pessoa. Soui se passa em um segundo. E se começo a mudar tanto a impressão de que uma objetiva se põe com instantâneos.

CENA 12

(MARTINA atravessando a cena)

1818 - Pra favor, tem tarde, como vai a noite?

(Martina pára)

Deixa assim. Não há motivo para esse orgulho, todo.

(Martina sacode o rosto)

Sim, embora, muito digno. Por que não dá, desconfiança?

Eu sei. Eu vi desde quando chegou na casa de Dona Albertina, porteira diplomada, é a que dá a placa.

(Martina dá um passo)

Pela! (Ela não reage) Pela!

1819 - Eu lamento.

1820 - Está bem, ninguém tem nada com isso, não é? Você parece morta. Pela!

LEIA - Em fim, tudo se acabou, não é? De repente. Na celebração. Será mesmo um motivo para parar, parar-se nas repartições, cantar o hino de hipocrisia na escola. E eu não sei. Eu sei. Eu sei. Joãozinho Teixeira... já conheço, já vejo. Fato:

MAIRIA - Eu sei, pois não de Deus? Não lhe fia mal. Eu sei em paz [Sai.]

LEIA - A palavra infamante tem uma extensão enorme, um poder. E talvez com ela refiro a você. [Suspira]. Sentava-me a escrever um cigarro. E que eu lembrava era apertar o péssimo do bom. De meus dedos penetrando a carne que se immobilizava em silêncio. E o espírito de Deus deixava de falar sobre as águas.

CENA 12

PERSONAGENS:

Os livros multilíngues liam-se em línguas estrangeiras. Vários personagens de romances, por appartenendo ad altre razze, ab- tri continenti ei sono così vicini, molto più vicini di quell'omo della mia stessa razza, di un mio proprio par- rente, controllato dagli stessi individui che ne controlla- lano.

CENA 13

11 - Hoje, quando passava por Belém, estava pichado com meus "Fre- lestários, uni-vos". O livro era escrito com vírgula e sem traço.

12 - Que importância? É conhecida estava indo.

13 - Não dispense. Não dispense os sinais. Querem fazer uma revolução sem vírgulas? Essa revolução de tal ordem não haveria lugar para mim. Os homens sabem as palavras, conhecem literatura e isto não vale nada? Ah, não? Fazer um botequim em frente do muro pichado e pedi uma aguardente. C

14 - E daí?

15 - O homem da venda, um sujeito cabalado, trouxe a garrafa. Pergun- tai sobre a pichação no muro. Ele disse: "Sempre esteve ali, sei lá, só saiu da minha vida." Estúpido. Tenho lido muitos livros em línguas estrangeiras. Certos personagens de romances, apenas de nomes de outras rapas, outros continentes, estão perto de mim, mais perto que aquele homem da minha raça, talvez meu parente, já lixado pelos mesmos indivíduos que os polícionas.

CENA 21

VITÓRIA - Meu leuro, meu leuro! Onde andará o seu-rangeto desse papagaio? (Batalha de madeira no fundo) Qualquer dia esta cozinha vai estalar. Por que é que o senhor não se muda?

LUÍS - Julião Tavares seria enforcado.

VITÓRIA - (Surta) Este lugar é maldito. Os galos importam mais que o relógio. O dia inteiro. A costura da vizinha é "vuuu, vuuu, vuuu, vuuu..."

LUÍS - Marina trabalharia no Asilo dos Órfãos.

VITÓRIA - (Batalha de panela de barro quebrada) Baga, diabo! É por que é que o senhor não se muda? Tem ratos demais. Estão roendo a madeira de guarda-roupa. É "correte, correte, correte, correte..."

LUÍS - Ele enforcado. Ela no asilo.

VITÓRIA - Tem ratos até dentro do armário, devastando os mamoeirinhos, costando com a literatura! É gato miando por cima da cozinha e a rede cheia de pulgas.

LUÍS - Ratos, ratos, ratos, ratos?
(Batalha de trovão, relâmpago, chuva)

VITÓRIA - Bismacórcia! Arruda para, raça de cachorro com pernas!

CENA 22

(Nesta cena instala-se, LUÍS no círculo. O movimento giratório da cena mobiliza-se. Luíza entra leve e sorri para o alto enquanto JULIÃO TAVARES, bêbado, vai virgindo no fundo. Instala-se o confronto. Ao final, Luíza da Silva, o funcionário, enfurece Julião Tavares, o ministro).

CENA 23

LUÍS - Movimentos como peixe de um relógio maldito...Mas notei que o corpo está a balança. Passa rápido a corda pelo galho, enroscando no eixo e vi, O corpo. Ah, se conseguisse correr!

DELEGAÇÃO - Onde passou a noite de tal dia? Que horas eram quando
de o senhor viu a vítima? É bom o senhor confessar.
Confessou?

LEIA - Não foi eu!

DELEGAÇÃO - Mas onde o senhor passou a noite de tal dia?

LEIA - Eu não sei. Escrevo, invento mentiras com dificuldade.
Mas as minhas mãos não frouxas, e nunca realizei
o que imagino.

(DIMAFAVORE O DELEGAÇÃO)

O tio-lua de um relógio. O som de uma vitrola começa
se nos seus ouvidos. Ele começa a rotar sem interrupção
a noite inteira.

Era como se os achasse nos céus. Queris dormir.
Is decerto. Mas memória. O mundo expulso e arrecon-
to.

E os processos? Os arquesanos? O diretor, o secretá-
rio?

Escolhe-se. Cole-se às paredes como um rato acastan-
do.

Negociantes, políticos, diretores, secretários. Tipos
bestas. Indocentes. Quando existe uma mudança, escon-
de-se. E todos se movem na minha cabeça como um ban-
do de vermes na cima de uma coisa amarela, gorda e
mole, numa lentidão viscosa, desaparecendo-se e formando
um novo confuso. Escolhe-se. Como um rato.

CENA 24

(A cena vai adquirindo contornos nítidos, irreais, e
tudo gira.)

VITÓRIA - Correto, correto, correto, o dia inteiro. Mas ratos
gambus?

OLÍMPIA - Entrei pela porta do puto, sai pela porta do puto.
rei me sentir muito feliz que continue mais vinte e
cinco.

RAFAEL - Abre a porta, láôô! Abre a porta láôô!

SENHORA - Para que basta ficar Tatigirra? Eu nunca soube. Mas en-
ton resolvida a desvirtuar para uma dessas terras distantes.

RAFAEL - Arrapace, papete! Rato!

F I M